

## O Sr. Moreira

É uma pessoa educada, tem medo de ofender, de dizer algo que pareça incorrecto. Nunca lhe ouvi um palavrão. Nem espero hoje, que já o conheço há uns bons anos, ouvir palavrões ao Sr. Moreira.

Andou na guerra, em Angola. Falou-me de mercenários brancos, norte-americanos, que mataram camaradas seus, nos começos da campanha da UPA, na altura em que se cometeram horrendas atrocidades contra colonos portugueses e os seus empregados, negros de Angola, mas isso nada dizia a quem os matou.

O Sr. Moreira deixa lembranças aos que com ele convivem. É serralheiro. Hoje ajuda os cidadãos que querem gradear com cada vez mais eficácia as suas casas na zona do "grande Porto". Vive, continua a viver, para trabalhar.

Com os assaltos, ganhou clientes, ganhou trabalho, ganhou dinheiro, ficou rico, ganhou um cancro; tem uma filha enfermeira e outra médica.

Ganhou o vício do trabalho e da perfeição. Coisa rara: tem brio profissional.

O que aprendeu começou na Escola Industrial, aquelas que foram extintas sem se entender para quê. Depois foi aperfeiçoando o que fazia. Cada vez mais completo, foi fazendo de tudo, trabalhando com alumínio e aço, ferro, electricidade e solda. Pode-se sair de casa e deixar lá o Sr. Moreira. Nunca haverá problema. É ainda hoje um lavrador. Cria patos, galinhas, não se deita muito cedo. O cancro, diz ele, tirou-lhe a força, apesar de continuar a carregar pesos monstruosos. É um daqueles portugueses que pelo mundo fora foram e em qualquer lado fizeram a sua casa: gente dessa que já não há. Quem cuida com desvelo a terra em qualquer lugar achando-a sua, amando-a, é lavrador. Temos poucos assim, não teremos nenhum daqui a pouco tempo. (Os nossos pais romanos eram assim: por isso durou tanto e foi tão extenso o Império).

Destes lavradores se terá feito, com o seu esforço desumano, o tanto que ao longo da História se ergueu do Sul do Brasil a Díli. Deles, a partir deles, se fez o que se fez neste pobre canto da Europa. Hoje nada é rentável porque essa gente esquecida, humilde e calada, desapareceu e nenhum tecnocrata faz milagres. Não há técnica nem poder sem dedicação, capacidade de sofrimento, honestidade, trabalho, sem esse espírito de agricultor que já tivemos, de Lisboa ao Limpopo, mas hoje não temos no Alentejo nem em Trás-os-Montes. O Sr. Moreira que combateu porque lhe mandaram, trabalhou "para fazer a vontade dos clientes". Vai um dia morrer, perante o desconhecimento e a indiferença. Para mal dos que ficarem, que não entendem o que anda por aí a morrer, sob os seus olhares gloriosos.